



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FASA
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO
DISCIPLINA: MONOGRAFIA
PROFESSORA ORIENTADORA: CLÁUDIA BUSATO
ÁREA: TEORIAS DE JORNALISMO E LITERATURA

A CEGUEIRA DE SARAMAGO E AS VOZES DO SILÊNCIO

UMA ANÁLISE DA OBRA *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA* DE JOSÉ SARAMAGO E A TEORIA DA ESPIRAL DO SILÊNCIO

Bianca Alves
RA: 20164864

Brasília, Junho de 2012

Bianca Alves

A CEGUEIRA DE SARAMAGO E AS VOZES DO SILÊNCIO
UMA ANÁLISE DA OBRA *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA* DE JOSÉ SARAMAGO E A TEORIA DA ESPIRAL DO SILÊNCIO

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em jornalismo no Centro Universitário de Brasília-UniCEUB.
Prof, Dra Cláudia Busato.

Brasília, Junho de 2012

Bianca Alves

A CEGUEIRA DE SARAMAGO E AS VOZES DO SILÊNCIO

UMA ANÁLISE DA OBRA *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA* DE JOSÉ SARAMAGO E A TEORIA DA ESPIRAL DO SILÊNCIO

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a Obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Centro Universitário de Brasília UniCEUB.

Banca Examinadora

Prof. Dra. Cláudia Busato
Orientadora

Prof. Dr. Sérgio Euclides
Examinador

Prof. Dra. Carolina Alves
Examinador

Brasília, Junho de 2012

Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar aos meus pais que me ensinaram a amar a palavra, quando criança só dormia depois da leitura apaixonada deles. Aos meus amigos, sempre contagiados por suas paixões, a um amor doce, meu, a minha vó e as suas histórias extraordinárias, ao meu irmão tão presente no mundo paralelo e poético que criamos. E um agradecimento especial aos meus professores e ao olhar atento, inédito e encantador da minha orientadora.

Muito obrigada.

“Numa terra de fugitivos aquele que anda na direção contrária parece estar fugindo.”, T.S.Eliot.

RESUMO

Este trabalho propõe uma leitura analítico-interpretativa e comparativa entre as obras *Ensaio sobre a cegueira* e *a Espiral de silêncio*, de Elisabeth Noelle-Neumann. Far-se-á o cruzamento da literatura e da crítica sociológica com a referida teoria da comunicação. Após uma recuperação teórica da Espiral do silêncio, incluindo a definição de romance, se dará o estudo das personagens protagonistas da obra e os seus desdobramentos no cotidiano. O intuito é estimular a reflexão crítica sobre as relações entre ser humano e sociedade e observar como o livro de José Saramago, *Ensaio sobre a cegueira*, representa essas injunções históricas.

Palavras-**Palavras-chave:** Cegueira, Literatura, Isolamento, Sociedade.

SÚMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
Justificativa	10
Objetivos	12
Metodologia	13
1 O PÚBLICO E O PRIVADO	15
1.1 Para entender o silêncio que espanca é preciso entender a história	16
1.2 A esfera pública: A praça	17
1.3 A polis - Os livres e os iguais – Os cegos e os que pensam que enxergam	18
2 LITERATURA E SOCIEDADE	19
2.1 O Realismo fantástico para explicar o cotidiano	22
2.2 Semelhança entre a cegueira de Saramago e o genocídio em Ruanda	23
2.3 José Saramago	25
2.4 Ensaio sobre a Cegueira	28
3 A ESPIRAL DO SILÊNCIO	33
3.1 Dentro da Espiral	34
3.2 Ensaio sobre a solidão	35
3.3 Análise	38
CONCLUSÃO	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43

INTRODUÇÃO

O tema apresentado busca analisar como as teorias da comunicação explicam o comportamento humano. O que o homem faz para ser aceito, para fazer parte de determinados grupos e o quanto ele se anula, se cala, para permanecer nesses guetos, comunidades e sociedades.

A ideia do trabalho é fazer uma comparação entre a teoria da Espiral do Silêncio e o livro *Ensaio Sobre a Cegueira*, publicado em 1995, pelo vencedor do Nobel de Literatura, José Saramago. O silêncio e a falsa cegueira se apresentam no livro como um mecanismo de defesa. Podemos mudar a realidade, mas preferimos nos calar e permanecer cegos e vendo.

Para Theodor Adorno, “a sociedade é sempre a vencedora e o indivíduo não passa de um fantoche manipulado pelas normas sociais.” (APUD, WOLF, 1995, p.37). Poucos rompem com essas normas, a maioria busca adesão, público, coro, o medo do isolamento, de não ser reconhecido, seguido, amado, faz com que sejam manipulados pelas vozes ideológicas, das igrejas, ditaduras, líderes cruéis, amigos, redes sociais, partidos, corações partidos. O poeta inglês John Donne, descreve assim o nosso medo de ficar só: “Nenhum homem é uma ilha, inteiramente isolado; todo homem é um pedaço de um continente, uma parte de um todo”. (DONNE, 1985, p. 61).

Nesse sentido, a literatura cumpre uma função social ao traduzir em um só fôlego a tensão homem e sociedade. Não se trata apenas de entretenimento. A literatura mobiliza desperta e faz emergir do cotidiano razões e desrazões, incomoda, dá prazer, reforçar assim valores culturais, propor outros, destacar as armadilhas do preconceito e do egoísmo da humanidade.

O trabalho a seguir revela muito das minhas memórias poéticas, entre elas a literatura, que me provocou uma fome inesgotável por conhecimento e beleza. O texto *de Ensaio Sobre a Cegueira*, de Saramago, apesar de causar dor, fala de aspectos que fingimos não ver, como o morador de rua que virou um enfeite, as guerras em nome de deus, as invasões, a violência, a solidão do outro, tudo isso existe, é visível e é nosso. É fato que eu não quero me acostumar, aceitar, a vida do outro me importa, sim. A abordagem adotada tem base nos estudos de Noelle-Neumann, Hannah Arendt, Antnio Candido, Nilson Lage, Marshall Macluhan, Michel Foucault, Mauro Wolf e outros. Além dos livros teóricos que estruturaram o estudo, e da obra de Saramago, algumas obras literárias nortearam e inspiraram o trabalho, Julio Verne, Mary Shelley, George Orwell e tantos outros. Assim, este trabalho compõe-se de sumário, resumo,

introdução, justificativa, objetivos e metodologia, seguidos de três capítulos, conclusão e referências bibliográficas.

O primeiro capítulo trata das relações entre o público e o privado na tentativa de entender a atmosfera criada por Saramago, no *Ensaio sobre a cegueira*.

O segundo capítulo promove o encontro da literatura com a sociedade, onde se relacionou o livro de Saramago com os conflitos humanos, como no genocídio em Ruanda. Além de apontar algumas obras literárias que previram acontecimentos reais, a literatura inspirando a ciência, como em *Frankenstein*, escrito por Mary Shelley, em 1818, que abordava a ciência produzindo vida, sem interferência divina. O realismo fantástico aparece no capítulo para contrapor a realidade e a magia. Nesse mesmo capítulo, a obra *Ensaio sobre a cegueira* é analisada por meio diferentes olhares, onde também é feita uma pequena biografia do escritor José Saramago.

O terceiro capítulo traz o referencial teórico relativo ao romance, onde encontra-se uma análise sobre a Espiral do silêncio em relação com o isolamento, com o medo e com a cegueira de Saramago. Por último foi feita a análise de trechos da obra de Saramago e uma breve conclusão sobre o estudo.

JUSTIFICATIVA

A escolha do estudo aconteceu por meio do incômodo causado pelo livro, apesar de se tratar de uma literatura que pode ser definida como uma obra do realismo fantástico ou mágico, da escola literária surgida no início do século XX, literatura essa que relaciona o imaginário com a realidade. A ideia do trabalho é entender como o livro de Saramago contribui para a reflexão da realidade e como ele resignifica as questões humanitárias, partindo do princípio de que a literatura apresenta um discurso próprio e relevante na história do homem.

A cegueira ‘branca’ de Saramago está presente nos nossos dias e é facilmente encontrada nos pontos turísticos da cidade, nas rodoviárias, nas pontes, onde pessoas se amontoam e vivem em condições sub-humanas, são pedintes, sem-tetos, terra, são velhos, crianças, sem nomes e rostos que fingimos diariamente não ver, fazem parte do postal, incomodam, mancham os cenários, as praças, revela assim, nossa pobreza, nossas diferenças, nosso egoísmo, nossa falta de atitude, nossa aceitação diante da dor do outro, nossa passividade burra.

Qual seria a melhor forma de lidar com eles, escondê-los do nosso convívio, torná-los invisíveis, isolá-los, limpar a cidade, colocá-los em manicômios, asilos, presídios, orfanatos, leprosários, sanatórios? No livro, a ‘cegueira branca’ é combatida com o isolamento dos contaminados, os indivíduos são postos em quarentena no manicômio, por sofrerem da mesma doença, acabam constituindo uma comunidade sem Governo, regras, conforto, higiene, moradia, alimentação adequada, saúde, aos poucos perdem a humanidade e se comportam como bichos. É possível identificar entre a divisão das camaratas¹ (quartos diferentes), um conflito claro de classes, um grupo dominante, isto é, o da terceira camarata (em maior número), o Governo (do lado de fora) que isola os cegos dos que ainda podem ‘ver’, e os considerados mais fracos (mulheres, crianças e idosos) são dominados pelos mais numerosos que ditam as regras a serem seguidas, obedecidas pela minoria.

As minorias das camaratas acabam não gerando mudanças de cenário, os cegos aceitam sua situação como algo inevitável, um acontecimento sem solução aparente, obra do destino, castigo de Deus, a única pessoa que poderia mudar o rumo da história é a mulher do médico, só ela enxerga no manicômio, a liderança seria natural, mas ela prefere se manter como cega, como mais uma dentro do caos, a falta de discurso da mulher é explicada pelo

¹ Conjunto de camas em um só compartimento em colégios, hospitais, quartéis etc.

livro. *A espiral de silêncio - Opinião pública, nossa pele social*, de Elisabeth Noelle-Neumann, “a ameaça de isolamento se dá sempre que os julgamentos individuais não conseguem se converter na opinião predominante.” (NEUMANN, 1995, p. 105). Fazer parte das rodas, das redes sociais, das tribos, dos ritos, das ideologias, religiosas, partidárias, nem sempre é uma escolha individual. O medo da solidão nos lança nesses meios, mesmo quando estamos descrentes, discordamos da opinião da maioria, nos silenciemos para ouvir o coro das ideias predominantes e assim, seguimos o gado.

OBJETIVO GERAL

Investigar, por meio da literatura, os motivos que levam o homem a se adaptar, a adotar discursos, ideias, ideais de um grupo, uma tribo, uma igreja, para evitar a solidão.

Ao desenvolver um estudo teórico sobre a relação da literatura fantástica de Saramago com a realidade, com os fatos, com as dores humanas, será possível compreender como o ficcional pode tocar o leitor e fazê-lo ver a realidade com outros olhos. A literatura tem o poder de tirar o indivíduo de um estado de conforto, aceitação, resignação. Afinal, se dói, é porque se fez imperativo sentir. A literatura pode despertar, comover, até mesmo, revoltar.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Um dos objetivos específicos deste trabalho é fazer uma comparação entre as teorias de comunicação e a obra literária, *Ensaio Sobre a Cegueira* (1995), do prêmio Nobel de literatura, José Saramago. A falsa cegueira será tratada aqui como um mecanismo de defesa diante da vida e dos seus enfrentamentos.

Também serão abordadas as questões éticas encontradas no livro, a semelhança entre o texto ficcional e as questões sociais sobre o isolamento, o medo e o comportamento do homem diante das adversidades. Avaliar o alcance da literatura como agente de transformação e inspiração.

METODOLOGIA

Inicialmente foi realizada uma pesquisa bibliográfica, onde buscou-se analisar de que forma a pesquisa poderia revelar a realidade. Análise de documentos de domínio científico tais como livros, filmes, periódicos, ensaios críticos, dicionários, ajudaram na construção do texto.

O isolamento é o principal foco do estudo. Parte-se do princípio de que o medo da solidão leva o homem a se comportar como ‘cego’, pois ao agir assim evita ter de enfrentar mudanças comportamentais e incômodos. Já que mudar significa ter discurso e não mais seguir o discurso corrente. Pensando na cegueira e na solidão dos personagens de Saramago foi feita uma pesquisa em alguns livros de teorias de comunicação, a fim de achar uma ligação entre a ficção do *Ensaio Sobre a Cegueira* e o que se chama de realidade. Foi quando a pesquisadora deparou-se com a Espiral do Silêncio e viu uma semelhança entre a teoria e a personagem principal do livro, a mulher do médico que se passava por cega. Esse foi o ponto de partida do estudo.

O desafio do trabalho foi fazer uma comparação entre a literatura e as teorias de comunicação, os livros escolhidos para isso foram o *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago (1995) e *A espiral de silêncio - Opinião pública, nossa pele social*, publicado em 1972. A pesquisa busca achar a ligação entre a ‘cegueira branca’ e os silêncios ocasionados pelo medo. Também foram utilizadas obras clássicas, como: *A condição humana*, de Hannah Arendt (1958), que direcionou e aprofundou o estudo, outro autor escolhido foi, Nilson Lage (1998), no livro *o Controle da Opinião Pública* por meio do seu olhar crítico e também literário, *Os meios de comunicação como extensão do homem*, de Marshall McLuhan (1964), *Microfísica do poder*, de Michel Foucault (1979), *Teorias da Comunicação*, de Mauro Wolf (1985) e outros.

Para começar o estudo foi feita uma pesquisa documental em algumas obras literárias, *A casa dos espíritos*, Isabel Allende (1982), *Crônica de uma morte anunciada* (1981) e *Cem anos de solidão* (1967), de Gabriel Garcia Marquez, *Admirável mundo novo*, Aldous Huxley (1932), *Frankenstein*, de Mary Shelley (1818), *1984*, de George Orwell (1949), *20 000 léguas submarinas* (1870) e *Da terra à lua*, de Julio Verne (1865), *Metamorfose*, de Kafka (1912), apesar de lidar com o mágico, o intocável, o místico, esses livros também abordam a realidade, o tocável e a memória.

As obras pesquisadas serviram de direcionamento e inspiração. Para tratar a literatura com embasamento teórico e crítico, foi usado o livro, *Literatura e Sociedade*, de Antonio Candido (1965), *Que é a literatura*, de Jean Paul Sartre, escrito em 1948, *Introdução à literatura fantástica*, de Tzvetan Todorov (1981), outros escritores serão mencionados durante o trabalho, como: Rubem Alves, Foucault, Manoel de Barros, Eduardo Galeano, Xinran.

1 O PÚBLICO E O PRIVADO

O que é da morada particular, familiar, pessoal e o que é da morada pública, social, política, como relacionar essas esferas com o olhar de Saramago, como as teorias e os estudos científicos no campo da comunicação são experiências que podem fundar-se nos interstícios da literatura. No livro *a Condição Humana* (1958), Hannah Arendt afirma que a condição humana não é a mesma coisa que a natureza humana, a condição humana está voltada para o que o homem fez e faz para sobreviver. O livro escrito em 1958, considerado até hoje um clássico do pensamento humano, tem um capítulo voltado para as esferas públicas e privadas. Trabalho, produção e ação são os principais conceitos fundamentais explorados pela pensadora, o homem que faz, definido por ela como: *animal laborans*, um ser primitivo que precisava apenas sobreviver, não existir.

O animal laborans é facilmente encontrado na obra de Saramago, ‘os cegos’ das camaratas, sobrevivem, disputam alimentos, sem nenhuma espécie de higiene, se amontoam, se reconhecem pelas desgraças, sem nomes, homogêneos, uniformes, obedientes, esperam, esperam uma resposta do Estado, dos médicos que não chegam, esperam um milagre, um milagre dos santos vendados. “Se não formos capazes de viver inteiramente como pessoas, ao menos façamos tudo para não viver inteiramente como animais”. (SARAMAGO, 1995, p. 119). Arendt relata a evolução desse homem por meio da produção, isso acontece a partir do momento em que o homem se relaciona com outros, não mais pelas necessidades fisiológicas, o *homo faber*, além de se relacionar, compartilhava conhecimento e técnicas de trabalho. A ação (*práxis*) é a mola motora da história dos homens na sociedade, são movidos por ela, agem, esperam, interagem, se relacionam politicamente e esperam respostas dela, toda relação é uma reação a uma ação de outrem, aqui o homem atinge a condição de humano.

Todas as atividades humanas são condicionadas pelo fato de que os homens vivem juntos, mas a ação é a única que não pode sequer ser imaginada fora da sociedade dos homens. A atividade do labor não requer a presença de outros, mas um ser que laborasse em completa solidão não seria humano, e sim uma *animal laborans* no sentido mais literal da expressão. Um homem que trabalhasse e fabricasse e construísse num mundo habitado somente por ele mesmo não deixaria de ser um fabricante, mas seria um *homo faber*: teria perdido a sua qualidade especificamente humana e seria, antes, um deus – certamente não o Criador, mas um demiurgo divino como Platão o descreveu em um dos seus mitos. (ARENDT, 2010, p. 26)

Os cegos de Saramago são incapazes de produzir ou criar meios de viver de forma diferente, isolados do resto da sociedade, daqueles que enxergam, vivem como primitivos,

não se relacionam, discutem, estão acomodados, sujos, famintos e humilhados. A descrença dos cegos é tamanha que alguns cobrem os olhos na esperança de ver a escuridão, uma escuridão autêntica. “Alguns tinham tapado a cabeça com a manta, como se desejassem que a escuridão, uma autêntica, uma negra escuridão, pudesse apagar definitivamente os sóis embaciados em que os seus olhos se haviam tornado.” (SARAMAGO, 1995, p.76), já que a cegueira do livro é descrita como: branca, luminosa, leitosa.

1.1 Para entender o silêncio que espanta é preciso entender a história

A esfera privada

O surgimento da cidade estado e da esfera pública estava totalmente ligado à esfera privada e familiar, o indivíduo precisava pertencer a um lar, uma casa (*oikos*), ter um lugar no mundo. As relações na maioria eram baseadas no parentesco, onde o chefe da família exercia o poder absoluto sobre filhos, escravos e mulher, viviam num sistema coletivo, dividiam moradias, alimentação e se protegiam de eventuais inimigos, era inaceitável não compartilhar, todos trabalhavam para suprir necessidades e carências.

Para Arendt (1958), era uma tarefa difícil viver nessas propriedades distantes da cidade, as pessoas não participavam de qualquer discussão livre e racional, não que fossem censurados, era do entendimento natural que eles não estavam aptos a fazer discursos e levantar bandeiras, não tinham papel, estavam distantes da *polis*, eram sobreviventes e reprodutores.

Segundo Aristóteles os que viviam fora da *polis* eram os escravos e bárbaros:

eram *aneu logou*, destituídos, naturalmente, não da faculdade de falar, mas de um modo de vida no qual o discurso e somente o discurso tinha sentido e no qual a preocupação central de todos os cidadãos era discorrer uns com os outros.” (apud ARENDT, 2010, p.32).

Essas pessoas eram subjugadas, reprimidas e achavam tudo natural, acreditavam no destino como algo irrevogável. Esses grupos não questionavam o lugar e o seu papel na sociedade, obedeciam, seguiam, reproduziam os valores dos familiares.

Nilson Lage (1998), no livro *Controle da Opinião Pública*, fala sobre um sentimento de segurança individual, onde os indivíduos procuram não se indispor, discordar, se preservam, mesmo não acreditando na decisão da maioria.

O fato de que a manutenção individual fosse a tarefa do homem e a sobrevivência da espécie fosse a tarefa da mulher era tido como óbvio; e ambas estas funções naturais, o labor do homem no suprimento de alimentos e o labor da mulher no parto. (ARENDT, 2010, p. 36).

Essa obviedade nos valores atribuídos ao homem e à mulher até hoje é praticada por algumas sociedades, a mulher como a geradora da vida e o homem como o pilar de hombridade, segurança e trabalho, “o *labor* do homem no suprimento de alimentos e o labor da mulher no parto, eram sujeitas à mesma premência da vida.” (ARENDT, 2010, p. 36).

O chefe da família exercia o poder pré-político, poder esse empregado sobre os escravos, filhos e esposa, todos lhe pertenciam, “o homem é um animal social antes de ser um animal político, nada tem a ver com o caótico estado natural.” (ARENDT, 2010, p. 38), eram considerados como pré-políticos, pertenciam à esfera privada e não à esfera pública, monopolizavam o poder nas propriedades. A violência era uma prática comum dos (chefes) pré-políticos para alcançarem seus objetivos, as principais vítimas eram os escravos. “Empregar a violência é o ato pré-político de libertar-se da necessidade da vida para conquistar a liberdade no mundo.” (ARENDT, 2010, p. 37).

A Igreja aparece ligada tanto à esfera pública quanto à privada, pregando a desapropriação de toda propriedade. A instituição via a política como um mal necessário, desde que se fosse submissa a ela. Apesar da força ou possivelmente por ela, a igreja não conseguiu constituir uma esfera, o que não se fazia realmente necessário, já que ela participava e tinha papel tanto nas esferas públicas e privadas. A Igreja descrita no livro de Saramago revela ‘santos vendados’, todos estão cegos, se fizeram cegos diante do caos, do medo.

Não podia ser verdade o que os olhos lhe mostravam, aquele homem pregado na cruz com uma venda branca a tapar-lhe os olhos, e ao lado uma mulher com o coração trespassado por sete espadas e os olhos também tapados por uma venda branca, e não eram só este homem e esta mulher que assim estavam, todas as imagens da igreja tinham os olhos vendados, as esculturas com um pano branco atado ao redor da cabeça, as pinturas com uma grossa pincelada de tinta branca. (SARAMAGO, 1995, p.299).

Essa cegueira da Igreja pode ser notada por meio da omissão da instituição diante de alguns acontecimentos históricos, na comemoração dos 500 anos do Brasil, foi feito um pedido formal de desculpas aos indígenas e negros, no documento, a igreja pediu perdão pelos abusos cometidos contra os índios durante o período colonial, além de reconhecer sua própria omissão no combate à escravização dos negros. A riqueza do Vaticano também é um tipo de

venda, como encarar a África e os famintos filhos. Os santos vendados na obra de Saramago se fazem cegos ou estão envergonhados pela imobilidade diante das dores humanas?

Por meio da subordinação da esfera pública às vontades e interesses da esfera privada, surge a promoção da entidade mais esférica do globo, o (mundo) social. O homem, além de despertar para as atividades da alma, da poesia, música, teatro, também se voltou para as convenções sociais, a vontade de ser notado, percebido, fazia surgir um novo homem, nada espontâneo e quase sem opinião. Essa promoção só aconteceu quando a esfera privada começou a se tornar uma preocupação da política, a modernidade precisava inserir essas pessoas no meio social, contribuindo assim para a ascensão social de algumas famílias, a uniformização de valores e por fim, o erguimento de estruturas novas na história rumo a uma sociedade de massas.

Pertencer aos poucos iguais (*homoioi*) significava ter a permissão de viver entre pares; mas a esfera pública em si, a polis, era permeada de um espírito acirradamente agonístico: cada homem tinha constantemente que se distinguir de todos os outros, demonstrar, através de feitos ou realizações singulares, que era o melhor de todos (*aien aristuein*). Em outras palavras, a esfera pública era reservada à individualidade; era o único lugar em que os homens podiam mostrar quem realmente e inconfundivelmente eram. (ARENDT, 2010, p.50).

A *polis* não sobreviveu a essa nova sociedade que se formava, não era para todos, pensar não é para todos. A liberdade, na obra de Arendt, exige o espaço político da ação e da palavra, bem como exige, ainda mais, o campo da política, tanto para que atinja seu grau aberto de manifestação, bem como para que permita os indivíduos atingirem, dentro da comunidade política, identidade.

1.2 A esfera pública: A praça

A esfera pública é o lugar comum, a praça onde transitam os atores sociais da esfera pública e privada, essa esfera é a principal ponte de ligação entre a política, os setores privados, os sistemas de ação especializados e as relações pessoais.

O comum parece ser de fácil acesso, todos podem participar, Arendt cita apenas duas exceções, a dor física e o amor, que fogem do lugar comum.

Para Arendt “dada a sua inerente natureza extraterrena, o amor só pode falsificar-se e perverter-se quando utilizado para fins políticos, como a transformação ou salvação do mundo” (ARENDT, 2010, p. 61).

A autora de *A Condição Humana* continua:

A esfera pública, enquanto mundo comum, reúne-nos na companhia uns dos outros e contudo evita que colidamos uns com os outros, por assim dizer. O que torna tão difícil suportar a sociedade de massas não é o número de pessoas que ela abrange, ou pelo menos não é o número de pessoas que ela abrange, ou pelo menos não é este o fatot fundamental; antes, é o fato de que o mundo entre elas perdeu a força de mantê-las juntas, de relacioná-las umas às outras e de separá-las. (ARENDT, 2010, p. 62)

A pensadora ainda levanta outro aspecto da esfera pública, o interesse comum, voltado para o consumo, as relações de poder, notoriedade e troca. Os chefes de família (pré-político) acabaram saindo da esfera privada para esfera política, eles buscavam ser lembrados e homenageados por seus feitos quando morressem.

Em termos sociais, a opinião pública parece ser uma bênção, uma vez que promove a coesão, mas, com as adaptações para indivíduos à moralidade e tradição, é uma força conservadora, e protege a decadência moral. Seu valor é, portanto, em seus deveres morais, não intelectual. (NEUMANN, 1995, p. 67).

Segundo o olhar de Neumann, a opinião pública está voltada apenas para tradições e deveres, os valores intelectuais não são assistidos por ela. A esfera pública lidava com as necessidades práticas do homem, vestir, comer, morar. Alimentar a mente era considerado um luxo.

1.3 A polis – Os livres e os iguais – Os cegos e os que pensam que enxergam

A *polis* (a cidade) era habitada por homens livres e “iguais”, diferente da esfera privada, eram homens iguais com famílias desiguais, interesses coletivos. Para Hannah Arendt, no mundo clássico “ser livre significava ao mesmo tempo não estar sujeito às necessidades da vida nem ao comando de outro e também não comandar. Significava nem governar nem ser governado.” (2010, p. 38). A palavra igualdade tinha outro sentido, ser igual significava se assumir um ser político, encantar através da retórica, dominar não por meio da violência, a palavra feria, matava e edificava. Na polis era possível discutir ideias, debater valores, declamar poesias, grandes homens viviam lá, eram livres, só quem pensa é livre. Na obra de Saramago, a cegueira se assemelha aos primórdios da esfera privada. Os indivíduos eram iguais por conta da situação em que se encontravam, apenas sobreviviam, dividiam a comida, bebida e nada debatiam, aceitavam, não faziam parte da *polis*, estavam privados, isolados e cegos do entendimento.

2 LITERATURA E SOCIEDADE

A literatura tem o poder de fazer o indivíduo comum escapar ao cotidiano. Apesar de lidar com a fantasia, o intocável, a literatura é capaz de falar da sociedade com um olhar sociológico e transformador. É possível se ver nas histórias, nos contos populares, nas paródias, nas dores, nos amores e nas rimas. Os aspectos sociais também são facilmente encontrados nas obras literárias. Antonio Candido, no livro *Literatura e Sociedade* aponta algumas questões sociais recorrentes na literatura. “referências a lugares, modas, usos; manifestações de atitudes de grupo ou de classe; expressão de um conceito de vida entre burguês e patriarcal.” (CANDIDO, 2008, p.16).

A riqueza da literatura é tamanha que em algumas obras foi quase possível prever alguns acontecimentos históricos e também científicos, antes inimagináveis, pertencentes apenas ao mundo da fantasia, como na história de *Frankenstein*, escrita em 1818, por Mary Shelley, que conta sobre a criação de um “monstro” sem a participação de um ‘Deus’. A escritora fomenta os conflitos entre a ciência e a religião, já que o monstro de Frankenstein vive sem um sopro divino, um ventre. As questões levantadas em 1818, por Shelley, estão presentes nos dias atuais, quando se discute a clonagem de seres vivos (ovelha *Dolly*).² Outra obra clássica da literatura, *Admirável Mundo Novo*, escrita na década de 1930, por Aldous Huxley, mostra um olhar visionário do autor sobre um mundo ainda não conhecido, por meio da manipulação genética era possível determinar alguns atributos físicos ao indivíduo (cor dos olhos, cabelo, pele) o que é um avanço recente da medicina. “A literatura na evolução de uma comunidade, onde a função da produção literária é referida constantemente à estrutura da sociedade.” (CANDIDO, 2008, p.5).

Não só as questões científicas foram discutidas com antecedência pela literatura, o livro *1984*, de George Orwell, escrito em 1948, nos remete ao presente, ao agora, Orwell, fala sobre a padronização e uniformização da sociedade, a redução do indivíduo que pensa, constrói, cria e se rebela, a uma peça para servir o estado por meio do controle total, todos os indivíduos eram filmados, vigiados pelas teletelas, instaladas em todos os lugares pelo Governo. As câmeras de segurança nos mercados, postos, portarias, colégios, bancos, estão presentes nos nossos dias, para vigiar e nos ‘proteger’.

A literatura de Julio Verne foi capaz de levar o homem à lua em 1865, por meio da obra, *Da Terra à Lua*, Verne fala de passageiros lançados por um canhão capaz de vencer a

² A **ovelha Dolly** (5 de Julho de 1996 - 14 de Fevereiro de 2003) foi o primeiro mamífero a ser clonado com sucesso a partir de uma célula adulta.

gravidade, “tratava-se de enviar até a Lua um projétil com o peso de vinte mil libras, dando-lhe uma velocidade inicial de doze mil jardas por segundo.” (VERNE, 2009, p.43) O escritor também escreveu *20 000 léguas submarinas*, o submarino *Nautilus*, movido a eletricidade, algo inimaginável na época, já que os veículos mais modernos eram a vapor e o submarino nem existia, “No dia seguinte, 10 de fevereiro, avistamos alguns navios e o “Nautilus” retomou a navegação submarina. Ao meio-dia o mar estava deserto e ele subiu à superfície.” (VERNE, 2000, p.111).

Não é que a literatura pretenda ser tudo, atingir tudo, mas o que não é passível de tornar-se literatura? No livro, *Antologia de Páginas Íntimas*, nos fragmentos de diários, Kafka fala sobre a relação com a literatura. “odeio tudo o que não se relacione com a literatura, as conversas aborrecem-me (mesmo quando são sobre literatura), fazer visitas aborrece-me, as mágoas e as alegrias das pessoas da minha família aborrecem-me até ao fundo da alma” (KAFKA, 1997, p, 225).

Portanto, a criação literária corresponde a certas necessidades de representação do mundo, às vezes como preâmbulo a *uma praxis* socialmente condicionada. Mas isto só se torna possível graças a uma redução ao gratuito, ao teoricamente incondicionado, que dá ingresso ao mundo da *ilusão* e se transforma dialeticamente em algo empenhado, na medida em que suscita uma visão do mundo. (CANDIDO, 2008, p.65).

Nilson Lage, no capítulo sobre a Dialética do controle de opinião, lança uma pergunta impactante, “Pode uma teoria com pretensão científica fundar-se em poesia?” (1998 p. 205). A resposta de Lage é que sim, a teoria científica pode abraçar a poesia, tirar o outro do real, do cotidiano, do mais do mesmo e depois lançá-lo de volta à realidade mudando o seu olhar por meio do encantamento causado pela palavra, pela fome inédita provocada por ela. “Um Marx que filosofava à maneira romântica” (1998, p. 204), para escrever bebia da fonte da poesia, nos manuscritos era possível ler trechos de Goethe e Shakespeare na tentativa de explicar as teorias. “Toma uma fala de Mefistófeles, no primeiro ato do *Fausto*, de Goethe, para celebrar o dinheiro como objeto por excelência porque tem a propriedade de comprar tudo.” Se posso pagar seis cavalos “escreve Goethe, não são minhas forças?” (LAGE, 1998 p. 205). *Os meios de comunicação como extensão do homem*, de Marshall McLuhan, também fala sobre a apropriação da literatura dos nossos registros interiores. “Na literatura moderna, provavelmente não há técnica mais celebrada do que o fluxo da consciência ou monólogo interior. Em Proust, Joyce ou Eliot, esta forma de sequência permite ao leitor uma extraordinária identificação com personalidades de todos os tipos e espécies.” (MCLUHAN, 1964, p.197).

No livro *Que é a literatura*, de Jean Paul Sartre, escrito em 1948, o autor fala sobre a realidade da literatura como algo palpável. “A realidade mostrada sem intermediário ao leitor não é mais a própria coisa, seja árvore ou cinzeiro, mas a consciência que vê a coisa; o ‘real’ não é mais que uma representação, mas a representação se torna uma realidade absoluta, pois nos é oferecida como dado imediato”. (SARTRE, 2004, p. 205). “Sartre fala de uma realidade ‘desvendante’, isto quer dizer que através dela “há” o ser, ou ainda que o homem é o meio pelo qual as coisas se manifestam.” (2004, p. 33).

Rubem Alves, no texto *Sobre Ciência e Sapiência* (2001), se mostra indignado diante da ciência desprezando o caráter da literatura como parte da ciência.

Muitas pessoas não gostam do que escrevo. Dizem que o que eu faço não é ciência; é literatura. É verdade. Faz tempo que me mudei da caixa de ferramentas para a caixa dos brinquedos. O que me aborrece é que esses que não gostam do que escrevo pensam que somente a ciência tem dignidade acadêmica. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u916.shtml>. Acesso em 15 de maio.2012.

A literatura tem o poder de alcançar os lugares em que o corpo físico não chega, por meio das páginas é possível sentir cheiros, gostos, sentir saudade de lugares nunca vistos, conhecer outras culturas, línguas, se despir de preconceitos, criar cenários, romances, rostos, a literatura lida com o cotidiano com poesia, é impossível olhar a vida de forma repetitiva, a vida é contemplada com olhos inéditos, como crianças reconhecendo o mundo pela primeira vez. Essa seria a função da arte, ajudar a ver, como no livro, *O livro dos abraços* (1999), de Eduardo Galeano, o pai diante do mar com o filho, diante da imensidão e da incapacidade de ver algo tão grande.

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar.” Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: — Me ajuda a olhar. (GALEANO,1989, p. 15).

Literatura é isso, a arte de ajudar a ver, ver melhor, ver além, atravessar, versar e tornar tudo inédito.

2.1 O Realismo fantástico para explicar o cotidiano da dor

Aí aquele que disse começava a contar as suas maravilhas inventadas. Ninguém se interessava por fatos verdadeiros. Fato verdadeiro não dá espanto. O espanto mora no inventado. Os fatos verdadeiros só servem para neles se amarrar a fantasia, feito prego pra se pendurar um quadro. O prego ninguém vê. Os homens da cidade diziam que eram mentiras. Pois eu digo que ali estava o nascedouro do realismo fantástico. Bem diz o Manoel de Barros que o que não existe é mais bonito do que o que existe. <http://www.rubemalves.com.br/novidadesV.htm> . Acesso em 11de Mar. 2012

A escolha do livro *Ensaio sobre a cegueira* aconteceu por meio do incômodo causado pela obra, apesar de se tratar de uma literatura que pode ser definida como do realismo fantástico ou mágico, da escola literária surgida no início do século XX, o livro lida com sentimentos próximos, reais, provoca, incita, causa dor.

A literatura fantástica também é conhecida como: realismo maravilhoso, mágico. Geralmente é lembrada como uma literatura típica da América Latina, na tentativa de explicar o inexplicável, fantasiar, florear a realidade por meio do encantamento. É tão recorrente em algumas culturas que é tratada como verdade. Para Tzvetan Todorov (1981, p, 5), a expressão “literatura fantástica” está ligada a um gênero literário, apesar de ser recorrente na literatura latina, com autores como: Gabriel Garcia Marquez (Colômbia), Jorge Luis Borges (Argentina), Isabel Allende, (Chile), Manuel Scorza (Peru), Alejo Carpentier (Cuba), Murilo Rubião (Brasil), Érico Veríssimo (Brasil), também é encontrada na literatura universal, como no livro, *A metamorfose*, de Kafka (Alemão), em alguns contos de Edgar Allan Poe (EUA), como, *A queda da casa Usher*, Ítalo Calvino (Itália) também bebeu na fonte do estranhamento dessa literatura do assombro, do espanto, da magia, assim como Saramago (Portugal), no *Ensaio Sobre a Cegueira*, uma cegueira branca, luminosa e coletiva. Ainda temos o cinema com o anti-herói, *Macunaíma*, *O labirinto do Fauno*, *Peixe Grande e Suas Histórias Maravilhosas* e tantos outros.

O que torna essa literatura fascinante é a aproximação dela com fatos marcantes, como no livro. *A casa dos Espíritos*, de Isabel Allende, que além de falar da clarividência das personagens, retratava os conflitos do povo chileno durante a invasão do *Palácio de La Moneda*, que acabou com a morte do então presidente, Salvador Allende, em 1973.

Vimos que o fantástico não dura mais que o tempo de uma vacilação: vacilação comum ao leitor e ao personagem, que devem decidir se o que percebem provém ou não da “realidade”, tal como existe para a opinião corrente. Ao finalizar a história, o leitor, se o personagem não o tiver feito, toma entretanto uma decisão: opta por uma ou outra solução, saindo assim do fantástico. Se decidir que as leis da realidade ficam intactas e permitem

explicar os fenômenos descritos, dizemos que a obra pertence a outro gênero: o estranho. Se, pelo contrário, decide que é necessário admitir novas leis da natureza mediante as quais o fenômeno pode ser explicado, entramos no gênero do maravilhoso. (TODOROV, 1968, p.24).

O fantástico só dura enquanto não nos identificamos com ele, quando atravessamos o encantamento e encontramos com a realidade, o fantástico nos escapa e nos causa dor, espanto, nunca ficamos dormentes diante do mágico. O objetivo da literatura não é substituir a história ou a sociologia em busca da realidade. A literatura já sabe o quanto a realidade escapa quanto mais se aproxima dela e por isso mesmo a literatura busca mudar o olhar, fazer o indivíduo (leitor) olhar de novo, reparar, aparar, amparar, se apaixonar, temer, voltar, sentir de novo. Tudo é inesgotável no mundo da palavra.

2.2 Semelhança entre a cegueira de Saramago e o genocídio em Ruanda

O *Ensaio sobre a cegueira*, de Saramago, aproxima a “cegueira branca” da nossa cegueira diante dos problemas sociais, da nossa falta de voz, organização e mobilidade para mudar a realidade. No livro, *Literatura e Sociedade*, de Antonio Candido, ele fala sobre a aproximação da obra literária com as questões sociais. “O fator social é invocado para explicar a estrutura da obra e o seu teor de ideias, fornecendo elementos para determinar a sua validade e o seu efeito sobre nós.” (CANDIDO, 1965, p. 19).

Por meio da percepção e da poética, o texto de Saramago nos faz recordar de tragédias humanas cometidas pela nossa ‘cegueira’. No ano de 1994, em Ruanda, África, centro-leste africano, dois grupos étnicos: a grande maioria *hutu* e o grupo minoritário, *tutsi*, cometeram uma das maiores barbáries da nossa história, mesmo sendo do mesmo país, falando a mesma língua, foram convencidos pelos colonizadores (belgas) que lá chegaram de que algumas diferenças físicas e a tonalidade mais clara da pele tornavam os tutsis superiores aos hutus. Os imperialistas criaram uma situação de ódio e exclusão socioeconômica entre os povos de Ruanda.

Nas anotações de Saramago, *Cadernos de Lanzarote*, 4 de março de 1995, o escritor fala sobre o Ensaio e a força real. “No *Ensaio* não se lacrimam as mágoas íntimas de personagens inventadas, o que ali se estará gritando é está interminável e absurda dor do Mundo.” (apud LOPES, 2010, p. 149). Em entrevista ao JL em 25 de outubro de 1995, Saramago falou sobre a nossa cegueira não ficcional. “Estamos cada vez mais cegos, porque cada vez menos queremos ver. No fundo, o que este livro quer dizer é, precisamente, que todos nós somos cegos da Razão.” (APUD LOPES, 2010, p. 149).

A política de *Apartheid* feita pela Bélgica, sua ex-colônia foi tanta que chegou a registrar nas carteiras de identidade quem era tutsi e hutu, fomentando ‘diferenças’, os conflitos pioraram e se converteram numa onda de violência e cegueira coletiva, já que as diferenças eram quase imperceptíveis. No dia 6 de abril, de 1994, Juvénal Habyarimana e Cyprien Ntaryamira, o presidente do Burundi, foram assassinados. Nos três meses seguidos, os militares e milicianos, ligados ao antigo regime, mataram cerca de 800 mil tutsis e hutus opositores, o que correspondia na época a mais de um décimo da população da Ruanda, da maneira mais primitiva: com golpes de facão. Além de ter deslocado cerca de 2 milhões de pessoas dentro do país. A Organização das Nações Unidas (ONU), se retirou e não interferiu militarmente em Ruanda, o mundo fingiu não ver os conflitos todos ficaram ‘cegos’ diante dos massacres.

[...] desencadeou-se o extermínio dos tutsis por atacado, e as tropas das Nações Unidas ofereceram pouca resistência aos assassinos. Governos estrangeiros apressaram-se em fechar suas embaixadas e evacuar os cidadãos de seus países. Os ruandeses que imploraram asilo eram abandonados [...] (GOUREVITCH, 2000, p.136).

No Brasil, a notícia mais relevante nos telejornais era a Copa do Mundo de 1994, comandada por Romário e companhia, enquanto corpos apodreciam e se amontoavam nas ruas de Ruanda, o mundo encarava a África e os ‘incivilizados’ homens, como um problema natural de povos primitivos. Em um discurso feito para lembrar os 15 anos do genocídio de Ruanda, em 2009, o presidente do país, Paul Kagame, acusou a ONU (Organização das Nações Unidas) de também ser responsável pelo massacre.

Não somos como os que abandonaram aqueles que eles vieram proteger", disse ele para cerca de 20 mil pessoas reunidas na capital, Kigali. "Eles os abandonaram para serem mortos. Não seriam eles culpados? Acho que foi também covardia. Eles se foram sem disparar um único tiro." 'Não somos covardes. A comunidade internacional é parte dessa história e está na base desse genocídio', afirmou. BBC do Brasil, disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u547348.shtml>, Acesso em 19 mar.2012.

O *Ensaio sobre a cegueira* e o genocídio em Ruanda e tantas outras tragédias humanas bestiais se encontram, ficção e realidade. A literatura fantástica de Saramago nos remete, nos lembra a nossa cegueira diante do outro, nos envergonha, porque não é da literatura fingir não ver a dor do outro é do homem.

Não que seja a pretensão da literatura e das palavras que beijam ou causam dor alertar o mundo ou substituir as ciências constituídas para mudar, contar a história, mas a literatura tem o poder mágico de nos alterar por dentro, de nos tirar do cotidiano, nos despir dos preconceitos, de nos vestir de poesia, romper com a nossa ansiedade, saciedade, de nos levar a lugares diferentes, de nos entusiasmar sempre, na literatura é possível tornar a dor bonita e a solidão uma boa companhia.

É preciso naturalmente resistir à barbárie, a velha barbárie que renasce sob suas mais atrozes formas por ocasião de cada conflito. Já a defrontamos em diversos lugares, na Bósnia, no Kosovo, em Ruanda. Até a Alemanha, país mais culto e civilizado da Europa, afundou na barbárie! A Rússia, que tem o povo mais humano, onde os sentimentos são mais ricos, foi vítima da barbárie. Ela está presente, ameaçando-nos novamente, esta velha barbárie de destruição e ódio, aliada a uma nova barbárie, nascida em nossa civilização, uma barbárie fria, gélida: a da técnica e dos cálculos que ignoram os sentimentos e a vida. (MORIN, 2000, p.21).

2.3 José Saramago

O primeiro escritor de língua portuguesa a ganhar o Nobel de Literatura nasceu em 1922, em Azinhaga, aldeia ao sul de Portugal, filho de camponeses, José de Sousa Saramago, antes de mergulhar no mundo das palavras e do encantamento, em meados de 1940 torna-se serralheiro mecânico, e é contratado para a área de oficinas dos Hospitais Cívicos de Lisboa, um operário. “Estava às voltas com o macacão azul, as mãos sujas e sem luvas de proteção, a montagem e desmontagem dos motores dos automóveis, as marmitas rapadas no intervalo do trabalho, o magro salário de 8 escudos.” (APUD LOPES, 2010, p. 28). O operário era um assíduo frequentador de bibliotecas públicas, era muito influenciado pela literatura de Eça de Queiroz, o que foi facilmente notado no primeiro romance escrito em 1947. Além de Eça, Saramago se encantou com Fernando Pessoa e os seus heterônimos, pela poesia de Camões, Montaigne, Cervantes e os seus cavaleiros errantes. Considerado autodidata, aprendeu por meio da fome, sede de conhecimento. “Nesse momento (Ignorante que eu era) acreditei que realmente existia ou existiria em Portugal um poeta que se chamava Ricardo Reis, autor daqueles poemas que ao mesmo tempo me fascinavam e assustavam” (APUD LOPES, 2010, p. 33). Além de consumir literatura, Saramago escreve poemas que mais tarde seriam publicados.

Publicou o primeiro livro, *Terra do Pecado* em 1947, aos 25 anos, o romance contava a história de um amor proibido entre uma jovem viúva e o cunhado, a obra foi publicada no mesmo ano em que nascia a primeira filha fruto do primeiro casamento, Violante Saramago. Ao *Jornal de Letras, Artes e Ideais*, de 26 de março de 1997, o escritor falou sobre o primeiro romance, “acabou onde tinha que acabar: nas velhas e simpáticas padrolas, onde a gente

encontra tanta coisa boa. Não quer dizer que este fosse o caso” (APUD LOPES, 2010, p. 39). O escritor nessa época transitava entre as profissões de serralheiro mecânico e escriturário na Previdência do pessoal da Indústria Cerâmica.

Em 1955, começa a fazer traduções de vários autores clássicos, como Hegel, Tolstói e outros, além de dar continuidade nos livros, poemas, contos e textos para teatro. Alguns contos foram publicados no *Diário de Lisboa*, como o conto “*Morte do homem*” na edição de 28 de dezembro de 1950. Apesar da plena atividade intelectual ele só volta a escrever aos 44 anos, em 1966, *Os poemas possíveis*, mostrava um Saramago maduro e perturbado pelas relações amorosas. Em 1970, o escritor lança o livro. *Provavelmente alegria*, outra obra poética.

A intimidade com as palavras faz Saramago ingressar no jornalismo, as crônicas ganham as páginas dos jornais com regularidade, no vespertino, *A capital* e no *Jornal do fundão*, onde desempenhou também o papel de crítico literário. 120 crônicas acabaram virando livros em 1971, com o livro, *Deste mundo e do outro* e em 1973, *A bagagem do viajante*. O escritor também teve alguns de seus textos censurados pelo regime fascista, como a crônica “As palavras”, escrita em 17 de maio de 1968 para o jornal *A Capital*, no ano de 1969, filia-se ao PCP (Partido Comunista Português).

Em 1972, torna-se o editor do *Diário de Lisboa*, desempenhou outros papéis, além de continuar escrevendo crônicas semanais, passa a redigir os textos que deveriam nortear a linha editorial. Apesar de viver num regime opressor, o escritor não escondia o posicionamento político, defendia com paixão Salvador Allende e acreditava na necessidade de uma reforma agrária radical. O compromisso com as causas sociais o fez ter vários inimigos e perseguidores, aos 53 anos, Saramago decide escrever obras ficcionais e assim deixa o jornalismo, volta para traduções para se sustentar e enreda unicamente para a literatura, onde escreve o livro *Manual de pintura e caligrafia* em 1976, em 1979 cria a peça de teatro *A noite*.

A notoriedade como escritor chega em 1980, com o livro *Levantado do Chão*, considerado o primeiro grande romance, obra premiada que consagraria definitivamente Saramago como escritor.

Levantando do chão fala de trabalhadores. Aprendamos um pouco, isso e o resto, o próprio orgulho também, com aqueles que do chão se levantaram e a ele não tornam, porque do chão só devemos querer o alimento e aceitar a sepultura, nunca a resignação. (APUD LOPES, 2010, p. 97).

Dois anos depois, ele escreveria *Memorial do Convento*, que colocaria o autor no *hall* da literatura com 50 mil exemplares vendidos, agora ganhava o mundo. Outros romances do escritor, *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (1984), *A Jangada de Pedra* (1986). Nesse período conhece Pilar del Rio, jornalista e apaixonada pelas obras de Saramago, casam-se em 1988, ela com 37 anos e ele com 66. No início da década de 1990, o autor também conhecido pelo ateísmo militante, escreve o livro, *O evangelho segundo Jesus Cristo*, publicado em 1991, onde fala de um Cristo humano, com problemas, amores, dores, um Cristo que se relacionava sexualmente com Maria – a narrativa feita por meio da memória inventiva do escritor – foi censurado pelo Governo e pelas instituições portuguesas. A polêmica foi tamanha que o Governo da França interveio em favor de Saramago, já que se tratava de uma obra ficcional. O ministro da Cultura e da Educação Nacional francês se indignou com a situação: “declara-se inaceitável que um prêmio literário europeu possa ser afetado por uma discriminação que viola o princípio da igualdade em matéria de religião e de ideologia.” (LOPES, 2010, p. 128). O desgaste com o livro e com o seu país fizeram Saramago exilar-se em Lanzarote, nas Ilhas Canárias, na Espanha, onde viveu até a sua morte.

Ensaio sobre a Cegueira (1995), *Todos os Nomes* (1997), *O Homem Duplicado* (2002); a peça teatral *In Nomine Dei* (1993) e os dois volumes de diários recolhidos nos Cadernos de Lanzarote (1994-7), *Ensaio sobre a lucidez* (2004). Foi com o livro *Ensaio sobre a cegueira*, 1995, que José Saramago em 1998, ganhou da Academia Sueca, o Nobel de literatura. O serralheiro mecânico, funcionário da previdência social, editor, tradutor, jornalista, gerente de produção, autodidata, tinha uma vida comum, sonhos comuns, planos comuns, até entrar no mundo dos encantamentos. A obra em 2008 virou filme, numa coprodução realizada pelo Japão, Canadá e o Brasil, com direção de Fernando Meirelles, abriu o festival de *Cannes*, *Blindness*, foi assistido por Saramago e recebeu críticas positivas do escritor. Em entrevista realizada pelo Jornal o Globo (19.09.2008) por meio da internet, o autor falou do livro e do filme feito por Fernando Meirelles.

No filme de Fernando Meirelles, assim como no seu livro, a epidemia de cegueira é retratada como uma catástrofe, servindo como metáfora para desarmonias sociais contemporâneas. O que significa ser cego no mundo pós-11 de Setembro? SARAMAGO: Já estávamos cegos antes do 11 de Setembro. O mundo é muito maior que Nova York, e o terrorismo é apenas um dos males de que a Humanidade tem sofrido desde sempre e quem sabe se para sempre. Peço perdão pelo que o termo “apenas” possa parecer restritivo. Se não nos limitássemos a olhar, se víssemos de fato o que temos diante dos olhos todos os dias, se tudo isso tivesse um efeito real na nossa consciência, então não poderia haver nada capaz de deter o movimento geral de protesto que se desencadearia a escala mundial contra o terrorismo da al-Qaeda, mas também contra essa enfiada maldita de calamidades que fizeram

deste mundo um inferno, o único, porque é impossível que haja outro como este. Costumo dizer que o ser humano é um animal doente. Os fatos o confirmam. Quanto ao “Ensaio sobre a cegueira”, sou o primeiro a dizer que não passa de uma pálida imagem da realidade. <http://oglobo.globo.com/blogs/cinema/posts/2008/09/10/entrevista-saramago-elogia-ensaio-sobre-cegueira-125231.asp> Acesso em 9 maio.2012.

Saramago morreu no dia 18 de junho de 2010, em Lanzarote, Espanha, aos 87 anos, deixou um legado inestimável de poesia, silêncios, delicadeza, provocação e humanidade.

2.4 Ensaio sobre a Cegueira

Em vários pontos da cidade pessoas vão cegando sem explicação aparente, dentro de carros, hotéis, no trabalho, alguns simplesmente acordam cegos, instaurava-se o caos, o Ministério da Saúde é alertado sobre uma nova epidemia, uma cegueira branca, leitosa e desconhecida, sem saber o que fazer com a doença, os cegos são recolhidos e levados a um manicômio afastado da cidade. Para Neuumann, “pontos de vista expressos publicamente podem influenciar o governo” (1995, p. 79).

Num ambiente estranho os cegos de Saramago começam a chegar, será preciso conviver. “Os primeiros a serem transportados para o manicômio desocupado foram o médico e a mulher. Havia soldados de guarda. O portão foi aberto à justa para eles passarem, e logo fechado.” (SARAMAGO, 1995, p.47). O médico cegou em casa, já a mulher continuava a ver, com medo de deixar o marido sozinho num lugar estranho e esperando também cegar, ela finge estar cega para guiar o companheiro.

A internação das primeiras levas de afetados num manicômio resulta em uma esfera concentracionária de enfrentamento de alguns cegos contra outros e nada resolve pelo fato de o alastramento do surto epidêmico alcançar todo o espaço exterior. (LOPES, 2010, p. 152).

Estranhamente a mulher do médico não cega, ela é a única capaz de ver um cenário aterrorizador. Se depara com um homem muito próximo de um ser irracional e instintivo, em meio a fezes, fome, fraquezas, compaixão, violência sexual, disputa de poder, cheiro de urina, mortes e gritos de horror, ela assiste a tudo calada, a cegueira branca dos que estão na quarentena, se assemelha aos poucos à barbárie e à brutalidade de certas guerras e sociedades. *A insustentável leveza do ser* revela o homem como um ser que se adapta e que anestesia suas dores e vivências e rapidamente forma grupos e líderes cruéis. Os personagens não são identificados pelo nome, o que incômoda, impacta e provoca dor, já que pode ser qualquer um

naquela situação, sem rosto, sem identidade, sem teto, sem história, sem futuro, uma massa cega e uniforme. “Tão longe estamos do mundo que não tarda que comecemos a não saber quem somos nem nos lembrarmos sequer de dizer-nos como nos chamamos”. (SARAMAGO, 1995, p.64).

Os sem nomes representam de alguma forma a sociedade e as diferenças sociais: a rapariga de óculos escuros, que teme ser vista, julgada, o médico que se beneficia dos olhos da mulher, o garoto estrábico, o ladrão de carro, a mulher com insônia, frágil, o idoso com a venda, o homem com a pistola e autoridade, poder, um policial, o cego que lê em braile, o único cego, habilidoso por quase ver, o Governo, o Ministério da Saúde, os soldados do lado de fora e o resto da sociedade que continua vendo ou cega diante do drama dos que estão cegos e presos, todos humanos, “humanos, demasiadamente humanos”, todos temem o isolamento e o julgamento.

Saramago em anotações sobre a construção da obra, diz: “Escrevi as primeiras linhas do Ensaio sobre a cegueira (2 de agosto de 1993). Decidi que não haverá nomes no ‘Ensaio’.” (APUD LOPES, 2010, p. 134).

Curiosamente, na China antiga, as mulheres quando nasciam eram tão indesejadas nas classes pobres, que não recebiam nome ao nascer, eram conhecidas apenas pelo lugar que ocupavam na lista numerada de nascimentos: a primeira, a segunda, a terceira e assim por diante. O nome, a identidade, faz com que o outro tenha importância, história. Quando eu não tenho nome, sou muitos e ninguém. O livro *As filhas sem nome*, de Nanjing de Xinran, narra a história de seis camponesas sem nome, conhecidas pela ordem em que nasceram somente as mulheres não recebiam nomes, eram consideradas inferiores aos homens que lá nasciam.

A massa isolada parece um paradoxo, já que se tem a ideia de quantidade, o que não significa união. São muitos e poucos se movem. No livro, ser diferente, olhar e ver, é o maior temor da principal personagem da obra, todos querem passar despercebidos, ser figurante na história, ser apenas mais um cego. Para a opinião pública a cegueira branca é um problema que deve ser combatido com o isolamento, o governo é o principal responsável pela ‘higienização’ e controle da epidemia, “O sargento ainda disse, o melhor era deixá-los morrer a fome, morrendo o bicho acaba-se a peçonha” (SARAMAGO, 1995, p. 89).

A cegueira de Saramago pode ser comparada aos leprosários de Foucault no livro *A História da Loucura na Idade Clássica* (FOUCAULT, 1978), na alta Idade Média a pessoa que mais sofria discriminação, exclusão e isolamento eram os leprosos. A sociedade o expulsava da cidade e, depois, os mantinham presos nos leprosários. Os cegos de Saramago, também são afastados do convívio social, se assemelham aos presos, aos doentes mentais, o

que eu desconheço eu arranco, isolo, excluo e elimino. A doença se torna permanente e incurável, já que o isolamento e a reclusão, não buscam a cura, o conhecimento, a solução.

O Governo lamenta ter sido forçado e exercer energicamente o que considera ser seu direito e dever, proteger por todos os meios as populações na crise que estamos a atravessar, etc. etc. Quando a voz se calou, levantou-se um coro indignado de protestos. Estamos fechados, vamos morrer aqui todos, não há direito, onde estão os médicos que nos tinham prometido. (SARAMAGO, 1995, p. 194)

A imobilidade da mulher que enxerga no meio dos cegos é tamanha, que o seu marido (o médico) se relaciona sexualmente com a rapariga de olhos escuros. Ela se sente tão incapaz de mudar as coisas, que aceita com naturalidade a relação, afinal, seu marido e a rapariga têm em comum a cegueira branca, seus olhos olham a tudo, assistem a tudo, olhar e ver, são coisas completamente diferentes.

Assim estava quando viu o marido levantar-se e, de olhos fixos, como um sonâmbulo, dirigir-se à cama da rapariga de olhos escuros. Não fez um gesto para o deter. De pé, sem se mexer, viu com ele levantava as cobertas e depois se deitava ao lado dela, como a rapariga despertou e o recebeu sem protesto, como as duas bocas se buscaram e encontraram, e depois o que tinha de suceder sucedeu, o prazer de um, o prazer de outro, o prazer de ambos, os murmúrios abafados. Deitados no catre estreito, não podiam imaginar que estavam a ser observados (SARAMAGO, 1995, p. 171).

A divisão da comida, camas e tarefas, fica cada vez mais injusta, o poder começa a ser exercido pela terceira camarata, onde se concentram um número maior de homens, sedentos e famintos, eles quase enxergam tamanho o poder que exercem sobre os outros cegos, um deles está armado, além de ter um cego de verdade, com habilidades que o torna diferentes dos outros cegos. Michael Foucault, no livro *Microfísica do Poder*, descreve as várias formas de exercer o poder, todos os homens acabam o exercendo de alguma forma, em alguma esfera. O isolamento do livro de Saramago se assemelha a ‘casa dos loucos’ e a criação do sistema prisional, todos acabam eliminando o homem do convívio social e não acrescentando nada a eles, ele fala sobre “produzir a verdade da doença”, e inventar uma solução e exercer o poder sobre o dito ‘louco’, o cego, o homem dentro desses hospícios, prisões, leprosários, se reinventam para exercer o poder.

A relação entre o poder e o saber. As incidências de um sobre o outro. Admite-se, e isto é uma tradição no humanismo, que a partir do momento em que se atinge o poder, deixa-se de saber: o poder enlouquece, os que governam são cegos. E somente aqueles que estão à distancia do poder, que não estão ligados em nada ligados à tirania, fechados em suas estufas, em

seus quartos, em suas meditações, podem descobrir a verdade (FOUCAULT, 2010 p. 141).

Saramago faz uma das descrições mais cruéis sobre violência sexual, às mulheres são recolhidas nos quartos para servir os que exercem poder na terceira camarata, nem a mulher que enxerga escapa das mãos sujas dos ‘animais’ em seus catres. O sexo é uma das principais formas de exercer o poder, dominar o corpo é ferir a alma da mulher é um ato presente na dominação de povos, os soldados que invadem países, tribos inimigas, sempre fazem do corpo feminino um troféu, Arendt, fala sobre o papel da mulher na esfera privada, “mulheres e escravos pertenciam à mesma categoria e eram escondidos não somente porque eram propriedade de outrem, mas porque sua vida era “trabalhosa” (*laborious*), dedicada as funções corporais” No Ensaio todas as mulheres são trocadas pela comida para sustentar seus corpos cansados e a fome dos outros cegos, parados, culpados, calados, escutando os gritos de horror das mulheres violadas pela covardia.

O chefe dos cegos, de pistola na mão. Aproximou-se tão ágil e despachado como se com os olhos que tinha pudesse ver. Pôs a mão livre na cega das insônias, que era a primeira, apalpou-a por diante e por detrás, as nádegas, as mamas, o entrepernas. Amanhecia quando os cegos malvados deixaram ir as mulheres, a cega das insônias teve de ser levada dali em braços pelas companheiras, que mal se podiam, elas próprias arrastar. Durante horas haviam passado de homem em homem, de humilhação e humilhação, de ofensa em ofensa, tudo quanto é possível fazer a uma mulher deixando-a ainda viva.(SARAMAGO, 1995 p. 178).

Em entrevista ao Jornal de Lisboa, em 25 de outubro de 1995, Saramago falou sobre a nossa cegueira não ficcional. “Estamos cada vez mais cegos, porque cada vez menos queremos ver. No fundo, o que este livro quer dizer é, precisamente, que todos nós somos cegos da Razão.” (*apud* LOPES, 2010, p. 149). Cegos da razão, assim como a mulher do médico, podemos ver e vemos, nossas misérias, nossos medos, nosso egoísmo, estamos cegos de ver, vemos em silêncio, numa espiral, num ‘eterno retorno’.

“Como pode um homem satisfazer-se com apenas ter uma opinião e deleitar-se com ela?” (THOREAU 2010 p. 24), esse é um questionamento de Thoreau, no livro, *A desobediência Civil*. Essa pergunta do desobediente Thoreau é perturbadora. A aceitação do destino como algo imutável, à obediência religiosa, legitimam a dor, o medo. O ensaio de Saramago fala da aproximação de quem está recluso e de quem está livre, os que foram excluídos do convívio da maioria, criam regras, esquemas e formas de exercer o poder. A cegueira “branca” se alastra, rompem os muros, as cercas e torna os dentro e os de fora,

também cegos, já que todos vivem dentro de um mesmo sistema, um mesmo país, com regras, normas, leis e princípios.

Que se passa, perguntou o marido, mas ela não respondeu, não podia acreditar. Desceu os restantes degraus, caminhou em direção ao portão, puxando sempre atrás de si o rapazinho estrábico, o marido e companhia' já não havia dúvidas, os soldados tinham-se ido embora, ou levaram-nos, cegos também eles, cegos todos por fim. (SARAMAGO, 1995, p. 210)

A cegueira branca se alastrou e afetou a todos, os de dentro e os de fora do manicômio, médicos, autoridades e o próprio governo perderam a visão, o caos tomou conta das cidades, atearam fogo no manicômio e os cegos não reconheceram as ruas por onde cresceram, casaram, trabalharam. A única capaz de ver, a mulher do médico, 'guia o seus cegos', como fazem os líderes das ideologias.

A degradação humana é continua, tudo é muito fétido, podre, o lixo toma conta das ruas, a descrição terrível de Saramago não é uma criação ficcional, não está apenas nos registros dos livros de história, a África reflete o quanto nos anulamos, ainda tem gente morrendo de fome, ainda tem gente sendo multilada pelas minas terrestres, ainda tem gente trabalhando como escravo, ainda tem criança trabalhando como adulto, ainda tem religião matando em nome deus, ainda existem ditaduras, ainda existem colônias, ainda existem torturas, paredões, Guantánamo, ainda existem muros invisíveis, sem terras, ainda existem mulheres apanhando de seus maridos, apedrejadas, molestadas, ainda existem mulheres submissas, ainda se mata pela cor, pelo sexo, ainda assim, nos calamos, nos fazemos cegos como a mulher do médico. Em anotações feitas no dia 3 de maio de 1993, nos *Cadernos de Lanzarote*, Saramago, disse:

Chegando agora a estes dias, os meus e os do Mundo, vejo-me diante de duas possibilidades: ou razão, no homem, não faz senão dormir e engendrar monstros, ou o homem, sendo indubitavelmente um animal entre os animais, é também, o mais irracional entre todos eles. (*apud* LOPES, 2010, p. 147).

Em sua biografia, Saramago fala sobre a tortura de escrever a obra “A certa altura cheguei a dizer: não sei se consigo sobreviver a este livro. Foi como se tivesse dentro de mim uma coisa feia, horrível, e tivesse que sacá-la.” (LOPES, 2010, p. 151). A dor do escritor era causada por ter de falar de forma brutal sobre o egoísmo humano. O manicômio onde os cegos estavam carregavam num espaço pequeno a dor do mundo.

3 ESPIRAL DO SILÊNCIO

Pesquisar e estudar a influência da opinião pública sobre áreas como o direito, a religião, a economia, a ciência, as artes, a estética foi um dos principais objetivos da pesquisadora Elisabeth Noelle-Neumann, seus estudos a levaram a escrever o livro, *A espiral de silêncio - Opinião pública, nossa pele social*, publicado em 1972. A obra abordou a opinião pública, o medo do isolamento, o controle social, a marginalização da opinião pública, a psicologia de massa, a moda, os estereótipos como veículo de difusão da opinião pública, os privilégios da imprensa e dos meios de comunicação, os diferentes pontos de vista, as articulações e as funções manifestas e latentes da opinião pública. De acordo com Rousseau, o “homem é dividido em dois seres, um contendo sua natureza real, suas necessidades reais, inclinações e interesses, o outro está configurado sob o jugo da opinião.” (apud NEUMANN, 1995, p. 71).

Elisabeth Noelle-Neumann, alemã, nasceu em 1916, na juventude especializou-se em pesquisa de opinião pública e começou a estudar a relação entre opinião pública e a imprensa. A pesquisadora observou uma mudança relevante nas pesquisas de opinião nas eleições da Alemanha entre os 1960 e 1980, Noelle percebeu que os eleitores procuravam ajustar a escolha de acordo com a opinião dominante, direcionando o voto ao candidato que se apresentava como provável vencedor da campanha. A descoberta de uma nova capacidade humana de percepção do ‘clima de opinião’, confirmou a então Hipótese da espiral do silêncio.

Inúmeras pesquisas foram feitas por Noelle Neumann, em 1965, a pesquisadora observou que as pessoas eram capazes de perceber as opiniões da maioria e também da minoria e visualizar o que era favorável ou desfavorável, isso acontecia independentemente de qualquer pesquisa publicada. Neumann, “A questão intrigante era, como poderia o público em geral perceber essas mudanças nas intenções de voto?” (NEUMANN, 1995, p. 17).

A percepção de posicionamento acontecia de forma natural, por meio dos discursos, das conversas nas ruas, bares, era possível captar o ‘clima da maioria’, o que agrada e o que desagrada. Por meio das pesquisas foi possível identificar que as medidas negativas tomadas pelos governantes e depois divulgadas pela imprensa alteravam a autoestima do povo alemão.

3.1 Dentro da Espiral

A espiral do silêncio surgiu por meio da observação. As pessoas costumam permanecer em silêncio mesmo discordando de algo, até que em um processo espiral, um ponto de vista passa a dominar o cenário, silenciando os que a opõem, a opinião da maioria silencia a minoria. Esse é o processo que pode ser descrito como ‘espiral silêncio. A teoria da espiral do silêncio acontece nos entremeios dos processos de formação da opinião pública e de forma inconsciente. Os indivíduos que convivem em certos grupos, guetos, comunidades, sociedades, têm como objetivo chegar a juízos e padrões, por isso a teoria fala em silêncio, já que não existe discordância de discurso, só faz parte do grupo quem aceita.

Ao mesmo tempo que desprezam mensagens contrárias às atitudes do grupo, os homens veem essas atitudes reforçadas em seus contatos com os companheiros, que exibem tendências seletivas similares. (LAGE, 1998 p. 209).

É espiral porque ela acontece de forma contínua e constante, as pessoas acabam não rompendo com grupos, não saem do estado de conforto e aceitação das coisas, a opinião da maioria vira uma verdade incontestável. A imitação já foi encarada como um meio de aprendizagem e assimilação, para Neumann a imitação é um mecanismo de defesa, o medo de ser desaprovado, excluído, faz com que as pessoas acabem perdendo autonomia, personalidade e originalidade. “Parece que o medo do isolamento é a força que aciona a espiral do silêncio.” (NEUMANN, 1995, p. 33).

a opinião que recebia apoio explícito parecesse mais forte do que realmente era, e a outra opinião mais fraca. As observações realizadas em ambos os contextos se estenderam a outros e incitaram a população a proclamar suas opiniões ou a “engolir” e manter-se em silêncio até que, em um processo em espiral, um ponto de vista chegou a dominar a cena pública e o outro desapareceu da consciência pública ao emudecer seus partidários. Este é o processo que podemos qualificar como de Espiral do Silêncio. (NEUMANN, 1995, p. 22).

3.2 Ensaio sobre a solidão

O medo do isolamento assusta, submete o indivíduo a qualquer experiência totalizante, tudo faz crer que a solidão não é boa companhia. “Nossa natureza social faz-nos temer a separação e isolamento dos outros e queremos ser respeitados e amados por eles”. (NEUMANN 1995, p. 33). A necessidade do outro transformou a solidão em algo ruim e temeroso, só os sábios acham a solidão tão importante quanto o coro das multidões.

Wolf fala sobre o isolamento como um mal das massas:

O enfraquecimento dos laços tradicionais (de família, comunidade, associações de ofícios, religião etc.) contribui, por seu lado, para afrouxar o tecido conectivo da sociedade e para preparar as condições que conduzem ao isolamento e à alienação das massas. (1999, p. 8).

Nilson Lage, no livro *Controle da opinião pública - Um ensaio sobre a verdade conveniente*, também fala sobre esse medo do homem diante da possibilidade de isolamento.

O homem como um ser social não suporta se sentir só, ele deixa de acreditar nas convicções ideológicas, religiosas, políticas, para garantir lugar dentro de um grupo, aderindo assim à uma outra ideologia.

Gente procura manter opiniões coerentes com as do grupo que pertence, selecionando informações das mensagens (ou as próprias mensagens) a que se expõe, assim dá atenção aquilo que previamente concorda e se priva do que a desagrada. A Explicação não se reduz a conjecturas sobre o *conformismo* ou *rebeldia* dos indivíduos; a preservação das mesmas atitudes básicas é fonte de satisfação, serve para evitar e minimizar conflitos e desacordo com amigos, parentes ou colegas, preservando a identidade e auto-estima. É instrumento assim de garantia do sentimento de segurança individual (LAGE, 1998 p. 209).

A hipótese de Noelle-Neumann, apontou que as pessoas são influenciadas não apenas pelo que os outros falam, mas pelo que as pessoas imaginam que os outros pretendiam falar. Noelle observou que quando uma pessoa imagina que sua opinião poderia estar em minoria, ou poderia ser recebida com desprezo, essa pessoa ficaria menos disposta a expressá-la. “Eles temiam o isolamento mais do que erro “foi a explicação de Tocqueville.” (1995, p. 31).

É mais fácil ir contra crenças pessoais do que contra a crença da maioria. No livro de Saramago isso fica muito claro, quando, em relação à única pessoa que enxergava, com medo de ter que exercer uma liderança ou ser explorada pela maioria cega, a mulher prefere se passar por cega, mesmo sabendo que a posição era outra, já que ela podia ver.

a mulher do médico sentiu-se como se estivesse por trás de um microscópio a observar o comportamento de uns seres que não podiam nem sequer suspeitar da sua presença, e isto pareceu-lhe subitamente indigno, obscuro, Não tenho o direito de olhar se os outros não me podem olhar a mim, pensou. (SARAMAGO, 1995, p.71).

A reputação exerce um papel fundamental dentro da pesquisa, as pessoas têm necessidade de serem elogiadas, invejadas, imitadas, seguidas. Segundo Hume (APUD NEUMANN, 1995, p. 61): “é muito difícil seguir sua própria razão ou inclinação quando ela é contrária ao de seus amigos e companheiros diários.”. Como ir contra a opinião de pessoas amadas ou respeitadas? O medo de perdê-las por ter pensamentos diferentes faz com que os indivíduos se adaptem aos gostos, rituais e interesses alheios. John Locke fala sobre a lei como forma de dominação. “a lei da opinião, a lei da reputação, a lei da moda, a lei divina e a lei do Estado”. (apud NEUMANN, 1995, p.5).

A lei é obrigatória, engessada, logo tem que ser seguida duramente, com rigor, dentro delas as pessoas se comportam de acordo com as regras e não fogem.

A comparação é um dos principais problemas da solidão, estamos sempre querendo viver no ápice, na festa, nos shows, nossa solidão nos incomoda. A solidão sempre foi um aspecto discutido pelos poetas e escritores, Rubem Alves, no livro *Na morada das palavras*, fala de uma solidão não muito explorada por nós, a solidão amiga.

Mas deixa que eu lhe diga: sua tristeza não vem da solidão. Vem das fantasias que surgem na solidão. Lembro-me de um jovem que amava a solidão: ficar sozinho, ler, ouvir, música... Assim, aos sábados, ele se preparava para uma noite de solidão feliz. Mas bastava que ele se assentasse para que as fantasias surgissem. Cenas. De um lado, amigos em festas felizes, em meio ao falatório, os risos, a cervejinha. Aí a cena se alterava: ele, sozinho naquela sala. Com certeza ninguém estava se lembrando dele. Naquela festa feliz, quem se lembraria dele? E aí a tristeza entrava e ele não mais podia curtir a sua amiga solidão. O remédio era sair, encontrar-se com a turma para encontrar a alegria da festa. Vestia-se, saía, ia para a festa... Mas na festa ele percebia que festas reais não são iguais às festas imaginadas. Era um desencontro, uma impossibilidade de compartilhar as coisas da sua solidão... A noite estava perdida. (ALVES, 2003, p.99).

Drummond era um amante da solidão.

Por muito tempo achei que a ausência é falta.
E lastimava, ignorante, a falta.
Hoje não a lastimo.
Não há falta na ausência. A ausência é um estar em mim.
E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços,
que rio e danço e invento exclamações alegres,
porque a ausência, essa ausência assimilada,
ninguém a rouba mais de mim.! (APUD ALVES, 2003, p. 101)

A literatura tem o poder mágico de transformar nossa solidão numa boa companhia, não é fácil convivermos com os nossos silêncios, eles falam demais sobre o que preferimos

silenciar, esconder, disfarçar. A solidão é uma oportunidade de nos encontrarmos com a gente, sem os personagens que criamos para sermos amados e queridos.

3.3 Análise

A comparação entre a literatura e a realidade é o grande desafio do trabalho, para isso foi feito um estudo comparativo entre as obras clássicas: *Ensaio sobre a cegueira* (1995) e a Teoria da Espiral do Silêncio. Achar o ponto de encontro dessas obras e saber de que forma elas contribuíram e ainda contribuem na tentativa do homem de se entender, compreender os seus medos, anseios, e assim se firmar como um ser transformador, crítico e mutável é o principal objetivo do estudo. Como fazer a literatura e as suas licenças poéticas, a relação com o mágico, com o místico, inspirar e produzir a verdade? Edgar Morin fala que a realidade é semi-imaginária e explica:

É preciso considerar também que a literatura não é somente um objeto semiótico ou um luxo, mas sim uma forma de restituir a vida. Na literatura e no romance, não vemos seres abstratos mas sujeitos, seres que possuem uma alma, seres que vivem em um meio, têm paixões, sentem amor, ódio e ambição, e todos os grandes romances do mundo nos ensinam a viver. Nos romances e na literatura, encontramos novamente nossas próprias verdades: já citei Dostoiévsky, Tolstoi, Rimbaud, pois é através da literatura que as verdades, em nós adormecidas, despertam e tornam-se nossas verdades, literatura, assim como o cinema quando bem concebidos, representam uma aprendizagem da compreensão humana possibilitando-nos perceber o quanto são complexas as relações humanas. (MORIN, 2000, p.21).

Para analisar o estudo foram selecionados alguns trechos presentes nas obras de Saramago, Neumann, Arendt e outros, a serem observados a seguir.

Sobre o medo:

Noelle-Neumann fala, “Na medida em que a opinião é respeitada como guardiã da moralidade, o indivíduo por medo do isolamento prefere ficar de fora da dor e da desaprovação.” (NEUMANN, 1995, p. 70).

A narrativa de Saramago descreve o medo da seguinte forma: “O medo cega, disse a rapariga dos óculos escuros, são palavras certas, já éramos cegos no momento em que cegamos, o medo nos cegou, o medo nos fará continuar cegos”. (SARAMAGO, 1995, p.131). No Ensaio a personagem principal do livro, a mulher do médico, a única espectadora dos

acontecimentos, pensa em agir, ajudar a todos, mas teme ser escravizada, teme não poder atender a todos – conversando com o marido e, em outros momentos, quer revelar aquilo que vê:

Há que dar remédio a este horror, não aguento, não posso continuar a fingir que não vejo, Pensa nas consequências, o mais certo é que depois tentem fazer de ti uma escrava, um pau-mandado, terás de atender a todos e a tudo [...] Amanhã vou dizer-lhes que vejo, Oxalá não venhas a ter de arrepender-te. (SARAMAGO, 1995, p.135).

A mulher do médico é a única capaz de ver, mas prefere se manter calada, cega como os outros, por medo de ser vista pelos que não enxergam, ela teme ser escravizada, explorada por ser diferente, olhar e ver, pode ser perigoso.

O homem precisa pertencer a algum lugar, ter uma morada (privada) o torna um homem (público), quando os cegos são deslocados para o manicômio, eles deixam de pertencer, são excluídos do convívio social, “Isto é uma loucura, deve de ser. Estamos num manicômio.” (SARAMAGO, 1995, p.48).

Sobre esse *apartheid* social, Hannah Arendt, diz:

Ser político significava atingir a mais alta possibilidade da existência humana, não possuir um lugar privado próprio (como no caso do escravo) significava deixar de ser humano (ARENDR, 2010, p. 62).

Foucault, no capítulo, *a Casa dos loucos*, afirmou:

O papel do hospital era então, afastando esta vegetação parasita e formas aberrantes, não só deixar ver a doença tal como é, mas também produzi-la enfim na sua verdade até então aprisionada e entrevada. Sua natureza própria, suas características essenciais, seu desenvolvimento específico poderiam enfim, pelo efeito da hospitalização, torna-se realidade. (FOUCAULT, 2010, p.118).

‘Deixar de ser humano’ é uma pista para uma leitura sócio-crítica da obra de Saramago. O manicômio descrito por ele não era o ambiente que buscava a cura de enfermos, era apenas o local para escondê-los, afastá-los. Aquilo que não se pode entender, compreender, aquilo que se temo, deve ser isolado.

correndo como loucos, tentavam ainda escapar à negra fatalidade. Em vão corriam. Um após outro, todos foram cegando, com os olhos de repente afogados na hedionda maré branca que inundava os corredores, as camaratas, o espaço inteiro. Lá fora, no átrio, na cerca, arrastavam-se os

cegos desamparados, doridos de golpes uns, pisados outros, eram sobretudo os anciãos, as mulheres e as crianças de sempre, seres em geral ainda ou já com poucas defesas. (SARAMAGO, 1995, p.115).

Para participar do meio, fazer parte do grupo, é preciso se comportar como a maioria, ser diferente, fugir do padrão, pode afastá-lo, levá-lo a sofrer um tipo *bullying* social, caracterizado por ofensas, humilhações e silêncios, poucos reagem, acabam se excluindo, sem cercados, manicômios, presídios, muros, essas pessoas vivem presas em seus corpos.

Sobre o Governo:

Neumann fala, “Opiniões expressas publicamente influenciam o Governo” (NEUMANN, 1995, p. 70). Temendo a opinião pública o Governo acaba acatando os clamores da maioria, o poder público precisa ser aceito para existir. “pontos de vista semelhantes realizados por indivíduos produz um consenso que constitui a verdadeira base de qualquer governo.” (NEUMANN, 1995, p. 60). As pressões da imprensa, da economia, das instituições, políticas e religiosas, ONGs e a população acabam direcionando o Governo e as atitudes.

A narrativa de Saramago descreve o Governo da seguinte forma:

Atenção foi pronunciada três vezes, depois a voz começou, O Governo lamenta ter sido forçado a exercer energicamente o que considera ser seu direito e seu dever, proteger por todos os meios as populações na crise que estamos a atravessar, quando parece certificar-se de algo semelhante a um surto epidêmico de cegueira. (SARAMAGO, 1995, p.49).

A escolha do manicômio pelo Governo revela o modo como as autoridades respondem aos problemas que nela se apresentam. Com medo da doença se alastrar, os doentes são isolados, não tratados, o controle do manicômio é feito pelo exército externamente (eles não entram no local), os cegos recebem diariamente rações de alimentos do Governo. Isso fica evidente na conversa entre a mulher do médico e um oficial do exército, que está nos arredores do manicômio:

A comida ainda não chegou, Só do nosso lado já há mais de cinquenta pessoas, temos fome, o que estão a mandar não chega para nada, Isso da comida não é com o exército, Alguém tem de resolver a situação, o governo

comprometeu-se a alimentar-nos, Voltem lá para dentro, não quero ver ninguém nessa porta (SARAMAGO, 1995, p.85).

Promover o encontro de Saramago e Noelle Neumann e outros escritores foi um desafio desconcertante, sem vencidos e vencedores, o que prevaleceu foram as palavras, encantamentos e dores necessárias. Foi impossível fugir da realidade apesar de se tratar de uma obra ficcional.

CONCLUSÃO

A pesquisa acadêmica sobre o *Ensaio sobre a cegueira* e a teoria da Espiral do silêncio começou com o propósito de entender de que forma a literatura e as teorias da comunicação se encontram e se chocam para tocar e transformar a história do homem. A sensibilidade social de José Saramago permitiu realizar o estudo e confrontar diferentes formas de ver a cegueira social presente na sociedade.

Desse modo, buscou-se, em primeiro lugar, fundamentar as bases teóricas, considerando o olhar de Noelle-Neumann, Antônio Cândido, Nilson Lage, Arendt, Foucault e outros. Em segundo lugar, tratou-se de conteúdos ligados ao romance, além de abordar a literatura fantástica e apontar algumas obras que inspiraram o trabalho.

A narrativa quase sem vírgulas de Saramago proporcionou um mergulho profundo, doloroso e contínuo na percepção do humano. O silêncio e o medo são palavras facilmente encontradas na obra, o que tornou o encontro com que a teoria da Espiral do silêncio a melhor escolha para comparar a literatura fantástica com os conflitos sociais.

O incômodo causado pelos personagens sem nomes, cegos e vivendo em condições sub-humanas no manicômio, foi fundamental para tornar a obra um clássico da literatura social. O ensaio de Saramago comove, enoja, provoca, espanta, é possível amá-lo e odiá-lo, é possível se encontrar nele, já que não existem nomes, nacionalidades, pode ser qualquer um e todos. A cegueira social definida por Saramago como, ‘cegueira branca’, não é uma criação literária, é uma representação humana, infelizmente, os casos ocorridos em Ruanda, Congo, Sudão, Burundi, Kosovo, Timor Leste e tantas outras tragédias tornam a literatura de Saramago muito real.

O *Ensaio sobre a cegueira* faz referências a diferentes formas de poder, como o regresso a uma estrutura social primitiva, onde se luta apenas para sobreviver. A leitura da obra permitiu refletir sobre a condição humana em sociedade. Ao final, terminar o estudo causou um alívio e uma sensação de dever cumprido, pois falar do que geralmente se evita causa dor, angústia, e até mesmo culpa. As revelações de Saramago mostram a ‘nu’ a sociedade, a quem queira enxergar em *zoom*, bem de perto, o que incomoda a consciência.

Espera-se que com este estudo futuros alunos e interessados avancem na aproximação entre a vastidão da literatura e o território pouco explorado das Teorias da Comunicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rubem. *Na morada das palavras*. São Paulo: Papirus. 2003.
- ARENTD, Hannah. *A condição humana*. 11ª ed. Revista. Rio de Janeiro, 2010.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária*. 9ª. Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008.
- DONNE, John. *O poeta do amor e da morte*. 1ªed. São Paulo: JC Ismael editor. 1985.
- FOUCAULT, Michael. *Microfísica do Poder*, 28rd ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*. 10ªed. Porto Alegre: L&M, Editores. 2003.
- GOUREVITCH, Philip. *Gostaríamos de informá-lo de que amanhã seremos mortos com nossas famílias – Histórias de Ruanda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- LAGE, Nilson. *Controle da opinião pública – Um ensaio sobre a verdade conveniente*. 1rd ed. São Paulo: Editora vozes, 1998.
- LOPES, Marques, João. *Saramago - Biografia*. 1ª ed. São Paulo: Leya, 2010.
- MARGARIDO, Alfredo. *Antologia de Páginas Íntimas*. Lisboa: Guimarães. Editores, 1997.
- MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensão do homem*. 3ª. ed. Londres: Editora Cultrix, 1964.
- MORIN, Edgar. *Dos demônios*. São Paulo: SESC Vila Mariana. 2000.
- NEUMANN, Noelle, Elisabeth. *La espiral del silencio o Opinión Pública: nuestra piel social*. Ed. Paidós. México, 1995.
- SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. 1ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SARTRE, Jean Paul. *Que é literatura*. 3ª ed. São Paulo, Editora Ática. Gráfica Palas Athena, 2004.
- THOREAU, D. Henry. *A desobediência civil*. Vol. 17. Porto Alegre: L&PM, Editores. 2010.
- TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. 2ª ed. Premia, México, 1981.
- VERNE, Júlio. *20 000 léguas submarinas*. Lisboa: M&M Editores. 2000.
- VERNE, Júlio. *Da terra à lua*. Lisboa: Gutenberg. 2009.
- WOLF, Mario. *Teorias da comunicação*, 8ª ed. Presença, Lisboa 1999.
- XINRAN, Nanjing. *As filhas sem nome*. 1ªed. São Paulo: Companhia das letras. 2010.